

UM APONTAMENTO ESTATÍSTICO SOBRE A TENDÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO

Marc Wuyts*

**Foi Investigador e Docente do Centro de Estudos Africanos, actualmente colaborador do C.E.A. e Professor na Holanda.*

Qualquer análise das tendências básicas dos agregados macroeconómicos em Moçambique é difícil por três razões. Primeiro, há poucos dados disponíveis, e é geralmente difícil combiná-los num padrão significativo no tempo. Segundo, as categorias de macro agregados não correspondem àquelas normalmente utilizadas - que são basicamente derivadas da análise keynesiana. Finalmente, é necessário ter-se uma ideia acerca da pressão relativa dos sistemas de recolha de dados nos quais as séries macro estão baseadas, como forma de se tirarem conclusões com alguma certeza da sua exactidão.

Por estas razões eu vejo a necessidade de discutir brevemente os dados existentes e analisá-los tomando mais explícitas as deduções deles tiradas. Desta forma espero evitar o erro tão comum de tirar deduções de dados sem que as suas fontes de recolha, o seu significado preciso é o estratagema conceptual usado na sua agregação tenham sido sujeitos a nenhuma análise.

A EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO AGREGADA

Não existe nenhuma série consistente de dados para o período 1973/83, no que diz respeito a evolução da produção e sua distribuição por sectores (agricultura, indústria, etc). Contudo, um modelo pode ser conseguido se fontes diferentes forem empregadas e cuidadosamente relacionadas umas com as outras. Está claro que, como é frequente nos países em vias de desenvolvimento, a área mais problemática consiste nos dados sobre a produção agrícola e especial atenção tem que ser, portanto, dada a esse facto.

O estudo feito por Pereira de Moura e Fernanda Amaral (1978) é definitivamente a melhor referência estatística para o período após a independência. Para 1970, 1973 e 1975, o Produto Material Bruto (PMB) e seus componentes são estimados fornecendo assim uma indicação da extensão da crise de produção nos períodos ligeiramente antes e imediatamente após a independência.

Quadro 3.A1
O Produto Material Bruto (PMB) a Preços de 1970
 (100 milhões de Meticais)

SECTOR	1970	1973	1975	MUDANÇA 1973/75(%)
Agricultura	5.8	6.3	5.6	-11
Indústria	5.6	7.4	4.6	-38
Serviços	13.1	12.6	9.1	-28
PMB	24.5	26.8	19.3	-27

Fonte: De Moura e Amaral, 1977

O Quadro 3A1, só inclui estimativas do PMB, e não as do Produto Nacional Bruto (PNB), porque o primeiro dá uma ideia melhor da evolução da produção, dado que só a agricultura, a indústria (que consiste na mineração, na indústria fabril, na construção e na energia) e os serviços (que consistem nos transportes, na armazenagem e no comércio) estão incluídos. Os serviços constituem a parte dominante uma vez que incluem as margens comerciais, tanto no comércio nacional como também no de importação e exportação. Além do comércio, que consiste na parte de leão, outro componente significativo são os transportes, cuja relativa importância reflecte a integração económica de Moçambique na região da África Austral.

À primeira vista parece que a crise de produção foi consideravelmente pior na indústria do que na agricultura. Contudo não foi esse o caso.

A agricultura só parece ter sido melhor sucedida porque a sua produção, conforme o indicado no Quadro 3.A1 inclui não só a produção monetária, como também o valor completo da produção para o consumo doméstico.

O valor atribuído à produção de subsistência impede as estatísticas agrícolas de reflectirem certas realidades, pelo menos a curto prazo. Na verdade, o colapso das redes comerciais no período 1974/75 afectou severamente a venda de excedentes de mercado pelos camponeses. Além de que o abandono massivo de herdades coloniais e os problemas da produção nas plantações, sendo esses dois factores associados a actos de sabotagem económica - tinham que ter um impacto significativo na produção. Inicialmente, a produção de subsistência, não foi muito afectada, embora fosse natural esperar-se que as crises na produção monetária e nas trocas comerciais prejudicassem a produção para consumo próprio, dado que a última depende em parte do rendimento em dinheiro conseguido pelos camponeses.

Na verdade, não existem nenhuns dados consistentes sobre os diferentes componentes da produção agrícola que descrevem a evolução das produções monetárias e de subsistência. Um levantamento levado a cabo em 1970, cobre as produções das herdades coloniais das plantações e a produção total dos camponeses. Dados subsequentes, abrangendo o período de 1970/75, foram baseados em estatísticas de produção monetária arquivados e em algumas estimativas utilizando os dados de 1970 da produção de subsistência de produtos alimentícios. Para o efeito, dados sobre a produção camponesa nas herdades coloniais, nas plantações e de produtos para exportação, são definitivamente muito mais seguros do que aqueles sobre os excedentes de mercado dos produtos alimentícios dos camponeses. Deste modo, os dados apresentados no Quadro 3.A1 incluem um componente de tamanho considerável que só pode ser determinado através de conjecturas informadas.

Num estudo da estrutura da produção agrícola, baseado em dados coloniais eu calculei a parte da produção de subsistência na produção total de 1970, e usei subsequentemente aquelas estimativas e os dados disponíveis da produção monetária para o período 1970/75 para conseguir estimativas separadas da evolução da produção monetária e de subsistência.

Os dados mais relevantes estão resumidos no Quadro 3.A2.

Quadro 3.A2
Taxa de Crescimento da Produção Agrícola
***(Preços Constantes)**

	MUDANÇA 1973/75 (%)
Produção de subsistência	+ 12
Produção monetária	- 43
Total da produção agrícola	- 13

*Inclui silvicultura, carne e lacticínios.

Fonte: Wuyts, 1978: 29-33

Isto confirma a hipótese do impacto da crise de produção na agricultura monetária, ligeiramente antes e imediatamente após a independência, ter sido semelhante ao da indústria. Estas duas actividades sofreram uma descida de mais ou menos a mesma taxa de mudança: 43% na agricultura e 38% na indústria.

Dois conjuntos de dados cobrem o período posterior. Primeiro, há os dados de cálculos nacionais, reunidos pela Comissão Nacional do Plano (CNP), e publicados para os anos de 1975, 1977 e de 1980 até 1982.

Segundo, há duas séries disponíveis: uma para a produção monetária agrícola e outra para a produção industrial; as duas a preços constantes também reunidas pela CNP e cobrindo o período 1973/83. A série para a produção industrial nem sempre é compatível com os dados de cálculos nacionais, e requer cuidados na sua interpretação.

Em aditamento à informação da produção fornecida por estas fontes estatísticas, artigos de exportação a preços constantes, serão utilizados, dado que a sua evolução também revela aspectos dos modelos de produção. Tais aspectos também tendem ser mais precisos e seguros do que alguns dados de produção.

Para começar com os dados de cálculos nacionais, o Quadro 3.A3 resume a informação mais relevante.

Quadro 3.A3
O Produto Social Global (PSG) a Preços Constantes de 1980
(100 milhões de Meticais)

SECTORES	1975	1977	1980	1981	1982	MUDANÇA (%)		
						1975/77	1977/81	1981/82
Agricultura	26.1	30.6	33.4	33.3	32.5	+17.2	+ 8.8	- 2.4
Indústria	26.4	27.8	30.7	31.6	27.2	+ 5.3	+13.8	-13.9
Transportes	9.1	7.8	8.1	9.0	8.4	-14.4	+15.4	- 6.6
Outros*	9.5	8.8	10.0	9.8	9.8	- 7.4	+11.4	0
PSG	71.1	75.0	82.2	83.7	77.9	+ 5.5	+11.6	- 6.9

* Inclui construção, comércio e outros não especificados.

Fonte: CNP, 1984

Para se interpretarem estes dados, uma clarificação do seu conceito e conteúdo é necessária. Primeiro, o conceito de Produto Social Global (PSG) não é idêntico ao do PNB ou PMB. Ele é usado mais frequentemente em economias centralmente planificadas onde o emprego de recursos é organizado por balanços materiais. Os alvos de produção são fixados em termos de produção bruta que, em termos monetários corresponde ao valor grosso de produção. O rendimento de tal produção é igual ao valor adicionado que, na sua forma material se refere à produção final para consumo, investimentos ou exportação. Daqui, o PSG é o valor agregado bruto da produção quando distinto do valor agregado bruto adicionado. Em termos mais técnicos, aquando da agregação do PSG, o valor da consumpção produtiva de matéria prima, de matéria auxiliar e de produtos intermediários, não é liquidificado. O objectivo não é conseguir-

-se uma medida de rendimento nacional, mas sim uma medida do valor bruto de todos os artigos de comércio produzidos.

Segundo: as categorias não são comparáveis àquelas do estudo de Pereira de Moura e Amaral de 1978, porque elas definem conceitos diferentes de agregação e porque a cobertura das diferentes verbas não é a mesma. A definição de indústria aqui é mais limitada: ela não inclui a construção, e provavelmente exclui a energia e a mineração - embora isso não esteja estabelecido explicitamente em nenhuma parte. Finalmente, os serviços são uma componente muito menor nos dados de 1984 e, sem nenhuma referência à forma como os números foram conseguidos é impossível especificar quaisquer razões para o facto. Contudo, dado que o nosso principal interesse está na produção (indústria e agricultura) isto não constitui um problema digno de preocupação.

O problema chave está na agricultura. De acordo com a Tabela 3.A3, é claro que ela evoluiu de um modo diferente, comparada com as outras componentes. Mas, mais uma vez, os dados parecem incluir uma estimativa da produção de subsistência, ou, mais realisticamente, da produção camponesa de produtos alimentícios. Contudo, nenhum levantamento agrícola foi feito no período após a independência, e os dados sobre os excedentes de mercado dos camponeses são pobres, tendo sido obtidos através de informação dada por comerciantes ao Ministério de Comércio Interno, e sendo pobremente coleccionados e associados uns aos outros. Agora é muito mais difícil fazer quaisquer deduções sobre a evolução da produção camponesa de produtos alimentícios, dado que um período prolongado de relações de trocas dificultadas com a classe camponesa, caracterizado pela escassez de géneros (e, em anos posteriores pela seca), impossibilita a avaliação do dinamismo da produção neste sector.

O Quadro 3.A4 compara a evolução do PSG real com o PSG agrícola e o não agrícola.

O crescimento na produção agrícola no período 1975/77 parece excessivo dada a dimensão da crise de produção na altura. Do mesmo modo, a ligeira queda na produção entre 1981 e 1982 parece subestimar a queda real provocada pelo agravamento da guerra, da desorganização das trocas comerciais e da seca.

Para se ter uma melhor impressão acerca da evolução da produção agrícola basta passar-se para o segundo conjunto de dados para uma análise da sucessão de tempo na produção monetária agrícola.

Esta sucessão, delineada na Figura 3.A1, apresenta uma ilustração completamente diferente daquela apresentada pelos dados de cálculos nacionais sobre a agricultura. Outra peculiaridade destes dados é que em termos de magnitude, eles não se ajustam de modo algum com os dados de cálculos nacionais sobre a agricultura. O Quadro 3.A5 dá-nos os respectivos valores de ambas as séries e a percentagem da cobertura para os anos correspondentes.

Quadro 3.A4
A Evolução do Produto Real Global, excluindo e incluindo a Agricultura
 (1.000 milhões de Meticais a preços constantes de 1980)

PSG	PSG (Excluindo Agricultura) Valor crescimento (%)			PSG (Agricultura) Valor crescimento (%)		
1975	71.1	-	45.0	-	26.1	-
1977	75.0	+ 5.3	44.4	- 1.1	30.6	+17.2
1981	83.7	+11.6	50.4	+13.5	33.3	+ 8.8
1982	77.9	- 6.9	45.4	-10.0	32.5	- 2.4

Fonte: CNP, 1984

Quadro 3.A5
A Produção Agrícola de acordo com dados de cálculos nacionais e Produção Monetária Agrícola
 (Sucessão de tempo da CNP - 1.000 milhões de Mts)

	1975	1977	1980	1981	1982
1. Produto Global na Agricultura	26.1	30.6	33.4	33.3	32.5
2. Produção Monetária Agrícola Sucessão CNP	5.5	4.6	4.3	4.3	4.0
Fila 2 como percentagem da Fila 1, (%)	21	15	13	13	12

Fonte: CNP, 1984

Segundo estimativas feitas por mim, em 1970 a produção monetária agrícola constitui cerca de 45% da produção total agrícola. Claramente, durante a crise de produção de 1973/75, a produção monetária sofreu uma queda drástica, definitivamente muito mais séria do que aquela sofrida pela produção de subsistência. Daqui a parte de produção monetária na produção total poderia ter baixado na altura, mas nunca 21%. De facto, dada a informação do Quadro 3.A2, essa parte constitui, pelo menos 30% da produção total, por isso o seu subsequente declínio seria muito improvável.

Olhando de perto todos os elementos incluídos na computação da série sobre a produção monetária, isso ajuda a explicar parcialmente essa discrepância em termos da sua magnitude. A série da produção monetária exclui a produção de sectores agro-industriais importantes, como é o caso do açúcar, do chá e do sisal. A razão aparentemente deste facto é

simplesmente que a série é compilada através de dados fornecidos pelo Ministério da Agricultura, que não é o responsável por estes sectores (eles fazem parte do Ministério da Indústria). O açúcar, o chá e o sisal, deram a razão de 25% da produção monetária daquele ano. A sua omissão da série prejudica obviamente a sua parte na produção, segundo os cálculos do Quadro 3.A6. Mas outra vez, isso não explica a razão pela qual esta série sobre a produção monetária só cobre 15% dos dados dos produtos globais no período 1980/82. Mais uma vez, o problema situa-se na estimativa da produção camponesa, tanto de mercado como de subsistência. Aparentemente a produção de mercado foi subestimada, nos dados sobre a produção monetária, dado que nenhuma estimativa são feitas sobre aquela parte da produção, canalizada através dos mercados paralelos, enquanto os cálculos nacionais se mostram, provavelmente, demasiado optimistas no respeitante a produção de subsistência.

Fonte: CNP, 1984

Figura 3.A1 - A evolução da produção monetária agrícola a preços constantes de 1980. Índice: 1973=100.

Qualquer que possa ser o caso, parece estar claro que os dados agrícolas requerem ser manejados com extremo cuidado, e que nenhuma dedução deve ser tirada deles sem evidências comprovadas. De facto, para os anos que a série cobre, (1975, 1977 e de 1980 a 1982), o coeficiente de correlação é igual a 0.95.

No respeitante a produção industrial, é útil considerar-se o facto de que o produto industrial global mede o valor bruto da produção, e não simplesmente o valor bruto adicionado. Deste modo, o Produto Industrial Global contém proporção considerável da produção monetária agrícola, incluindo o açúcar, o descaroçamento do algodão, o caju, o chá, o sisal e a produção de óleos vegetais. Em 1973 a produção industrial, dirigida para a exportação, constituiu 40% da produção industrial global, e todos os produtos à excepção daqueles da Fábrica de Refinação de Óleos, foram agro-industriais.

Daqui, como uma aproximação industrial, podemos considerar a evolução do produto industrial global como sendo uma necessidade para a produção monetária tanto na indústria como na agricultura.

Muito contrariamente ao que acontece com os dados agrícolas, a série do tempo industrial para o período de 1973/83 ajusta-se bem aos dados correspondentes dos cálculos nacionais. Em termos de magnitude, essa série cobre entre 85 a 90% dos valores dos cálculos nacionais para os anos por ela abrangidos. O coeficiente simples de correlação entre as séries para os cinco anos abrangidos é igual a 0.97, confirmando a habitual precisão e a melhor qualidade dos dados industriais.

Com a excepção do camarão e do óleo (produtos de reexportação), todos os outros artigos de comércio são produtos agrícolas. A evolução das exportações a preços constantes, fornece-nos, por conseguinte, outro indicativo da evolução da produção monetária na agricultura. Contudo, seria desencaminhador identificar-se o movimento no volume das exportações, intimamente com o da produção dos produtos de exportação, dado ser necessário fixar-se os modelos do consumo interno de alguns desses artigos de comércio - especificamente os do açúcar, algodão e óleo como sendo produtos não agrícolas. O consumo do açúcar aumentou consideravelmente entre a independência e 1978. Em 1979 o mercado interno teve que ser apertado para permitir mais exportações. *Semelhantemente, a indústria algodoeira, provou ser incapaz de satisfazer as crescentes exigências internas originando uma queda mais pronunciada na exporta-*

ção de algodão do que aquela sofrida pela sua produção - incluída nas mudanças trazidas pela independência. Daqui o declínio nas exportações que foi muito mais acentuado que o da produção (Wuyts, 1980).

A Figura 3.A2 delinea a evolução das séries de tempo da produção industrial e do volume das exportações. Finalmente, o Quadro 3.A6 fornece-nos taxas de crescimento comparando as produções monetárias agrícola, industrial e o volume das exportações.

Quadro 3.A6
Taxas de crescimento comparando as produções industrial, monetária, agrícola e as exportações (percentagens)
 - A preços constantes de 1980

	1973/75	1975/77	1977/81	1981/82
Indústrial	- 33	- 1	+ 12	-13.5
Agricultura	- 23	- 16	- 6.5	0
Exportações	- 34	- 39	+ 6.5	+ 2.5

Fonte: Dados das séries de tempo da CNP (1984) sobre a agricultura e a indústria, e dados sobre a exportação (1984).

Ao observar-se a Figura 3.A2 fica-se com a impressão de que a queda nas exportações foi devida à crise de produção em vigor e ao crescente aumento do consumo no mercado interno. O açúcar e o algodão deixaram virtualmente de ser produtos de exportação até 1979. Por outro lado, as exportações não mostraram nenhuma melhoria no período de 1978/81, o que pode ser uma indicação do facto de que a produção monetária agrícola se estabilizou naquela altura, sem que, contudo, tenha conseguido evoluir.

Concluindo, o período de 1973/75 foi caracterizado por sérias quedas nos níveis de produção de todos os sectores, numa média provável de 25 a 35%. Este movimento diminuiu gradualmente no período de 1976/77, no sentido a uma velocidade menor no caso da produção agrícola. Nesse período, os transportes sofreram uma queda mais séria por causa do fecho das fronteiras com a Rodésia. De 1977 a 1981 a produção registou melhorias em todos os sectores, com a excepção do agrícola, embora a situação da moeda estrangeira se tenha deteriorado rapidamente (veja o Capítulo 4). A agricultura monetária provavelmente se tenha estabilizado um bocado, sem que contudo, tenha tomado parte no projecto de recupe-

ração. Após 1981, a situação piorou consideravelmente devido ao agravamento da guerra e a vinda da seca, estando estes factores associados com a aguda deficiência das trocas comerciais internacionais em 1983.

1000
milhões
de meticais

Produção
Industrial

Exportações

Figura 3.A2 - A evolução da produção industrial e das exportações a preços constantes de 1980.

Fonte: CNP, 1984 - dados sobre a exportação para os anos de 1973 e 1974 extraídos de outras séries em Wuyts, 1980a.